

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 30 DE SETEMBRO DE 1999

Senhor Vice-Presidente, Marco Maciel; Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia, Embaixador Ronaldo Sardenberg; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Comandantes da Marinha e da Aeronáutica; Senhores Parlamentares; Senhor Presidente da Gerdau, Jorge GerdauJohannpeter; Senhor Diretor-Geral da Fundação Roberto Marinho, Doutor José Roberto Marinho; Senhor Presidente do CNPq, Evandro de Paula e Silva; Senhores agraciados com o Prêmio Jovem Cientista; Senhoras e Senhores,

Este prêmio já se transformou numa rotina, mas ganha, a cada ano, uma coloração nova, não só porque os temas variam, senão porque também se vê, cada vez mais, a criatividade se espalhando pelo Brasil.

Tenho muita satisfação, como Presidente da República, cada vez que venho aqui para assistir à distribuição destes prêmios, de notar que existe realmente, hoje, no Brasil, uma comunidade científica que já não é mais aquela antiga comunidade científica que se reunia ao redor de duas ou três universidades.

Hoje, o movimento científico no Brasil é muitíssimo mais amplo. Há pouco, o Ministro Sardenberg disse que o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) foi fundado em 1951, ou seja, tem quase meio século. Não é um fato banal. Certamente, antes do CNPq já existia uma série de atividades científicas. Alguns de nós, mais velhos, somos doutores de outra época – quando estudávamos não existia um sistema de ciência tão desenvolvido como temos hoje. E isso é muito importante. É muito importante porque, na verdade, há alguma coisa que distingue o Brasil como país em fase de desenvolvimento: o fato de nós termos esse sistema não é banal. Poucos países, se é que há algum, do porte do Brasil possuem esse sistema.

Isso tem importância. Tem importância porque, a cada ano – os números já foram dados, também –, são três mil doutores que se incorporam à comunidade científica. São três mil doutores! É bastante, é considerável. E mais ainda, desde 51 até agora. Tivemos não só o CNPq, agora o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, mas também a Capes, a Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior, que vem distribuindo bolsas. São bolsas de graduação, de pós-graduação, de pós-doutorado numa quantidade apreciável. Que sejam 40, 50 mil bolsas por ano. Se se multiplica isso por 40 anos, vê-se que é um esforço considerável.

Não é por acaso, portanto, que hoje o Brasil dispõe de uma condição muito especial nesse momento tão delicado que vivemos, que é um momento em que a economia internacional se transformou numa imensa velocidade e cuja transformação está baseada num progresso científico sem precedentes em alguns ramos de conhecimento, sobretudo nas áreas de comunicação, de informática. Mas não só neles.

Ora, se o nosso país não dispusesse dessa condição científica e tecnológica, não teria condições de se inserir nesse mundo que, queiramos ou não, é o mundo que está aí, que vai nos desafiar. As nossas oportunidades serão tanto maiores quanto mais formos capazes de levar adiante esse processo de desenvolvimento científico e tecnológico. Não há outra alternativa.

Ou o Brasil continua nesse caminho e fortalece as suas instituições de pesquisa ou então não temos como proporcionar à nossa população aquilo que todos almejamos: melhores condições de vida, melhor progresso, melhor condição para poder combater a pobreza.

Ontem, saiu uma pesquisa em São Paulo, da Fundação Seade, lá de São Paulo, a respeito do que aconteceu nestes últimos cinco anos. Todos vão ver que, a despeito de tudo, as condições de vida da população melhoraram. Há mais geladeiras, há mais *freezers*, há mais automóveis, há mais casas, mas, sobretudo, há mais escolarização.

E mais interessante do que isso é que – se bem é certo que todas as famílias pesquisadas melhoraram de condição de vida – de 94 para cá as que têm mais instrução são as que mais se beneficiaram. Então isso, de alguma maneira, mostra que a geração de recursos, hoje, se faz basicamente através da difusão da informação. Quer dizer, a disponibilidade maior de recursos depende de um ensino que se universalize, de uma escola primária à qual todos tenham acesso, de uma escola secundária à qual o acesso seja crescente. E, naturalmente, que por trás de tudo isso haja um sistema de pensamento, de ciência e de tecnologia que permita essas transformações.

Mas aqui, hoje, não apenas estamos vendo, mais uma vez, os efeitos da existência de um país como o nosso que, a despeito de todas as dificuldades, consegue levar adiante uma série de avanços na área científica e tecnológica. Aqui, vê-se um outro fato: é o fato de que, neste momento, existe uma preocupação que não se limita nem aos muros da universidade e nem aos gabinetes dos governos e que diz respeito a uma parceria com a sociedade. Quem aqui propõe esta premiação são organizações que não são do Estado e que se juntam ao Estado para incentivar a continuidade do progresso científico e tecnológico. Isso é muito importante, porque esse é o outro desafio do mundo contemporâneo.

Se, no passado, era possível pensar que um país, basicamente, teria maiores chances se ele tivesse um Estado mais forte, hoje, embora este país não dispense um Estado forte e competente, ele não é capaz de crescer se não for capaz de ter organizações da sociedade civil que proponham uma série de ações e que haja uma coordenação dessas

ações com o próprio setor governamental, com o próprio setor estatal. O resultado é este a que estamos assistindo.

Apraz-nos também verificar que há uma universidade comunitária como a Universidade do Vale do Itajaí (Univale), que recebeu o prêmio desta vez. É uma universidade que vem já do esforço comunitário. É uma universidade que tem uma característica muito especial. E apraz-nos mais ainda verificar quantos jovens – e tenho visto isso nestes últimos anos – de várias partes do Brasil ganham esses prêmios. São jovens do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, da Paraíba, de São Paulo, de Santa Catarina, de Minas Gerais. Enfim, existe realmente uma participação crescente.

Bastaria isso para que nos rejubilássemos todos com este evento, mas sobretudo com aqueles que ganharam este prêmio e com as palavras que foram ditas aqui, com clareza, com simplicidade, mas com muita firmeza, a respeito dos rumos daqueles que simplificam a ciência.

Na verdade, é preciso notar também que a ciência é um ramo, um estilo de vida que depende muito de pequenos incentivos, de pequenas hierarquias, depende muito de pequenos estímulos. Aqui se disse mais de uma vez que este prêmio orienta a expectativa dos jovens cientistas. É tão pouco. É preciso tão pouco para que as pessoas se motivem, para que orientem suas expectativas. Isso mostra o que é a característica da comunidade acadêmica, que é simples no seu modo de ser e também no modo de receber a retribuição. Um prêmio vale muito mais, muitas vezes, do que algumas centenas de milhares de reais. As pessoas querem mais do que o reconhecimento material. Querem se sentir dignificadas. Querem ver que há uma retribuição ao esforço que elas fizeram. É o que estamos fazendo modestamente, com o apoio das fundações já mencionadas, das organizações já mencionadas, dando uma pequena retribuição àqueles que estão se dedicando, no caso dos mares, amanhã, no caso das questões hospitalares.

E apraz-nos ver também – se me permitem uma pequena nota final, de cunho pessoal – que o Felipe, que acabou de ganhar o prêmio, há de se lembrar, como recordou a mim – estão aí seu tio Eduardo e seu pai, Paulo –, da nossa praia de Picinguaba, onde, quem sabe, tenha sido a

sua inspiração marítima. Ali, todos passávamos as férias juntos, em uma praiazinha até meio pequena e humilde de São Paulo. É bom ver como as pessoas crescem, progridem e ganham seus prêmios.

Ao me referir ao Felipe, peço que todos aqueles a quem não me referi pelo nome, porque não tinha conhecimento tão direto, se sintam, da mesma maneira, muito próximos de mim e da felicidade que tenho em poder homenageá-los.

Muito obrigado.

